

*Le trinceur.* El único estadounidense que se asemeja un poco a Max Dickmann es Theodore Dreiser con su novela *An American Tragedy*. Posee Dickmann un estilo muy plástico, objetivo y artístico, de certeza infalible. Como el cirujano en el laboratorio, cortando de raíz los miembros gangrenosos, él divide las clases sociales, para que veamos lo que son, ora sanas, ora raquíticas o enfermas. No condena, ni trata de enseñar: es demasiado artista. Tiene ganas solamente de mostrarnos el mundo tal y como es, ni más ni menos.

Felicitemos a Max Dickmann por haber escrito la biografía del pueblo argentino contemporáneo de todas las clases sociales; felicitemos a ese pueblo por haber dado a la literatura universal una obra tan artística y moderna y esperemos que en el porvenir vengan muchas otras de Dickmann, para que tengan las épocas venideras documentos más veraces y más interesantes que los secos tomos de la historia.

FRITJOF RAVEN,  
*University of Washington.*

JOSÉ LINS DO REGO, *Menino de engenho*.—Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1939. 223 pp.

*Menino de engenho* é uma descrição do engenho da cana do assucar e da sua gente, típicos do nordeste do Brasil. Através uma narrativa autobiográfica pelo género adotado o autor descreve-nos a infância de Carlinhos no engenho de seu avô e a influência que sobre êle tem o ambiente que o rodeia.

Narrador excelente Lins do Rêgo tem a habilidade de levar o leitor sem esforço aparente a compreender um modo de vida que é regional e muito diferente do ordinário. Atinge êste fim por meio do seu realismo cândido que estabelece uma corrente de simpatia e não nos permite duvidar da sua sinceridade. Projecta ao passado a sua maneira de pensar e é um menino de engenho revelando-nos suas impressões tão vividamente gravadas no seu espírito que é como se acabassem de ocorrer. O ambiente que cria prepara-nos gradualmente, isto é, sem transições abruptas para a transformação que se opera em Carlinhos. A ação prossegue suavemente como as águas tranquilas dum rio, e consiste em episodios da vida do personagem principal.

A psicologia representa um papel importante nêste romance. O autor não só descreve a vida do herói e costumes da gente no engenho, mas também o efeito que produzem êstes e como se gravam na sua imaginação infantil. Assim, se explica o seu receio de vir a ser um demente como seu pai, ou o remorso que sente em frente do seu San Luis Gonzaga colocado perto da sua cama. Duma grande sensibilidade as sensações que experimenta Carlinhos são profundas e deixarão traços permanentes, o que êle próprio confessa. Por isso são significantes os mais pequenos incidentes.

As figuras não se chegam a individualizar nesta novela. Será que sendo todos os personagens vistos pelo mesmo prisma, a imaginação plausível pois que *Menino de engenho* está escrito em forma autobiográfica e naturalmente tudo o que é descrito possui a individualidade do narrador e de nenhum outro. Por outras palavras identificam-se todos e tudo com a personalidade do que narra.

A espontaneidade de criança com que escreve Lins do Rêgo dá-nos por vezes lances de emoção intensa sem jámais chegarem ao sensacional. Mesmo na sua descrição da cheia que um autor de menos talento poderia muito facilmente arruinar, êle a faz dum modo natural e sem por um momento alterar a simplicidade de estilo que o caracteriza nesta obra. Apesar dêste estilo simples vê-se realísticamente a inundação em todo o seu esplendor e magnificência destruidora. Sem necessitar termos melodramáticos o leitor sente a tragédia do homem fraco, quâsi escravo, impotente contra a Natureza que o subjuga. Êste dom de expressão que possui Lins do Rêgo pode mais fácilmente ilustrar-se que explicar-se pois que em toda a arte o sentir é o abranger a significação total do trabalho do artista. E só num confronto direto se pode conseguir êste fim. Por isso permito-me transcrever a seguinte passagem: "O meu pobre Jasmim iria para a faca. Estava debaixo dos marizeiros esperando a hora da morte. Comia ainda o capim do chão, numa inocência que me tocou. Não sabia de nada. Olhei para o meu companheiro como para um amigo condenado à forca. Zé Guedes com a maceta na mão pegou-o pelo cabresto. Sacudiu-lhe o cacete na cabeça, que o deixou estendido, arquejando. Amarrou o meu Jasmim pelos pés e dependurou-o de cabeça para baixo. Depois meteul-le a faca de ponta na garganta. Nem um gemido do pobrezinho. Calado, com o sangue correndo e os olhos abertos, bem vivos. Duas grandes lágrimas minavam naquele olhar comprido de sofrimento. E começaram a tirar o couro, com a quicê chiando e a carne branca aparecendo".

Tem êste romance dois objetivos: um de tendência social expando a vida e costumes no engenho, e outro puramente psicológico consistindo no desenvolvimento descontrolado do character do heroi num meio quâsi desprovido de forças espirituais. Mas um elemento que dá valor perdurável a esta obra é que o leitor se esquece do fim a que se propôs o autor para se concentrar na narrativa própria. Quero dizer, a narrativa por si mesma é tão bem feita que o fim, qualquer que seja, se torna secundário. Devo acrescentar que *Menino de engenho* nos dá a impressão de que ao próprio autor lhe era indiferente o problema social e que o que mais lhe importava era o estudo psicológico subjetivo de Carlinhos.

Em conclusão, direi mais que êste romance de Lins do Rêgo pelo seu vibrante regionalismo, pela sua narrativa cheia de beleza, pela sua candidêz de estilo, deixará a qualquer que o leia uma impressão involvidável de prazer.

EDMUND DA SILVEIRA,  
*Berkeley, California.*